"THE DROVER'S WIFE": UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS CONTOS DE HENRY LAWSON E MANDY SAYER

Samilly Fernandes (PIBIC/Fundação Araucária), Déborah Scheidt (Orientadora), e-mail: deborahscheidt@yahoo.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem

Linguística; Letras e Artes; Letras; Literatura Comparada

Palavras-chave: Kay Schaffer, Intertextualidade, Literatura comparada, Russell Drysdale.

Resumo

O conto de Henry Lawson "The Drover's Wife" (1892), faz parte da chamada "tradição rural australiana" e narra, do ponto de vista masculino, as memórias de uma mulher que é obrigada a enfrentar sozinha perigos e percalços no interior australiano durante as frequentes ausências do marido. O conto tem várias releituras, entre elas uma pintura de 1945 de autoria de Russel Drysdale, seguindo a estética modernista e versões feministas, como The Drover's Wife" de Mandy Sayer (2001). Utilizando-se de metodologia comparativa e teorias sobre reescrita feminista, serão observadas as articulações as duas versões.

Introdução

Lawson (1867-1922) foi um dos mais importantes escritores/poetas australianos no fim século XIX e tem como um de seus contos mais famosos "The Drover's Wife", publicado no *Bulletin*. Nesse conto, uma mulher tenta sobreviver enquanto espera a demorada volta do marido, um *drover*, ou tropeiro, do *outback* onde está trabalhando para sustentá-la e os filhos. Sozinha, a mulher batalha para criar os quatro filhos, na companhia de seu cachorro, Alligator. Em um dia seu filho mais velho vê uma cobra perto da casa. O filho, a mãe e o cachorro tentam agarrá-la, mas ela acaba entrando embaixo da casa e subindo por dentro das paredes. Na espera da cobra sair, em meio a uma tempestade de raios, tarde da noite, a mãe tem *flashbacks* de dificuldades que passou como única adulta no lugar. Ao amanhecer ela consegue capturar a cobra com a ajuda do cão que joga o animal no fogo.

Uma das mais famosas releituras do conto é a pintura de mesmo nome de Russell Drysdale (1912-1981), a pintura traz como característica tons terrosos e imagens sem movimento para representar pictoricamente, a aridez e a monotonia da paisagem também descritas no conto de Lawson. O conto e a pintura servem como inspiração para "The Drover's Wife", publicado em 2001 como um dos contos do livro *Fifteen Kinds of Desire* de Mandy Sayer.

No conto de Sayer a narradora é Hazel Brown, com 84 anos, esposa de Gordon D. Brown, um dentista charlatão. Ela diz que quem pintou a obra não foi Drysdale e sim seu marido como um ato de vingança, por seu divórcio, e como ele se sucedeu, envolvendo uma camisola, uma serpente e um encantador de serpentes. Ela argumenta que a mulher ali desenhada não é a esposa de um *drover*, mas sim ela. No conto de Sayer a esposa discorre sobre o modo de vida desonesto do marido e sua monótona vida cotidiana. Ela relembra como se livrou disso em uma viagem de férias. Após se perderem no caminho, encontram um

encantador de serpentes chamado Liam. Nessa noite, após serem hospedados, o casal vai dormir. Hazel, usando sua camisola, acorda no meio da noite, percebendo estar hipnotizada pelo encantador de serpentes e se vê dançando junto a uma cobra gigantesca e gostando disso. Gordon a observa, perplexo, e vai embora logo em seguida levando as crianças. Ela conclui sua narrativa revelando que acaba virando assistente de Liam, não voltando para sua vida de esposa.

Material e Métodos

Trata-se de pesquisa bibliográfica e como metodologia de trabalho, recorremos a procedimentos próprios à literatura comparada, em que cotejaremos textos literários, teóricos e imagísticos, a fim de perceber as relações que aproximam ou distanciam os contos entre si e os contos à pintura. Como referencial teórico utilizamos principalmente os estudos feministas de Kay Shaffer em *Women and the Bush*: Forces of Desire in the Australian Cultural Tradition (1988).

Resultados e Discussão

A história europeia da Austrália se inicia em 1770, quando se tornou colônia penal da Inglaterra. Em meados do século XIX os habitantes procuravam uma maneira de separar sua identidade da identidade britânica imposta. Voltam-se, então, para o interior da Austrália, com suas vastas regiões inóspitas que começavam a ser povoadas e aproveitadas economicamente pela agricultura e pecuária. Na década de 1950, Russell Ward define, então, o que chama de *Australian Myth,* ou "tradição rural australiana". Nessa tradição os "australianos típicos" seriam semi-nômades, percorrendo as grandes distâncias do interior, as regiões áridas denominadas de *outback*/*bush*, de fazenda em fazenda à procura de trabalho sazonal. Entre esses *bushmen* devemos destacar os *drovers*, trabalhadores rurais que eram encarregados de transportar gado e ovelhas.

Um dos veículos que fez essa cultura rural se perpetuar foi o jornal *Bulletin,* de Sydney. A publicações do jornal enalteciam a cultura do *Australian Myth,* com contos que tinham como característica um léxico cheio de expressões regionais. Dentre essas histórias estavam as de Henry Lawson, em destaque "The Drover's Wife". Esse conto distingue-se na cultura da literatura australiana porque Lawson via o "bush" como um "anti-paraíso", haja vista a enorme quantidade de qualidades negativas que ele percebia nesse espaço (SCHEIDT, 2014, p.71-72).

Quanto à caracterização da mulher do tropeiro, a visão de Lawson será criticada por Kay Schaffer em sua obra, que percebe que na tradição rural australiana, as *bushwomen* acabam ficando em segundo plano. Quando elas aparecem como protagonistas ou personagens secundárias elas não têm nome próprio. Além disso, o apóstrofo seguido de "s" em vários títulos (que indica o caso genitivo) também remete ao fato de que "there is no question but that women 'belong' to men" (SCHAFFER, 1988, p.118). Isso mudará na versão de Sayer, que dará nome e voz própria à mulher do tropeiro, seguindo uma outra reescrita do conto de autoria de Murray Bail (1997).

Lawson indica que a cobra seria uma representação do pecado quando Alligator "sacode a cobra como se fosse o próprio pecado original ameaçando a humanidade" (LAWSON, 1997, p.202). Schaffer compara, assim, a figura da esposa como a de Eva, quando a esposa se vê encantada pela cobra saindo do canto da parede (LAWSON, 1892, p.202). Para a autora, o heroísmo da mulher é diminuído pela necessidade de ajuda da "figura masculina" de Alligator, que a salva do perigo e do pecado. Schaffer aponta essa presença heroica masculina como frequente nos

contos de Lawson e a mulher sendo apenas uma ponte para a ascensão do homem (SCHAFFER, 1988, p.118).

No conto original, Schaffer também percebe que mesmo quando a esposa age como heroína sua postura e aparência não têm nada de feminino. O fato de ela ser um pouco dura com as crianças é um dos pontos "masculinizados" apontado pela análise.

Kay Schaffer nota também que a protagonista está num entre-lugar, tudo que acontece com ela é mediado por uma figura masculina, ela é repetidamente colocada em "papeis contraditórios" (SCHAFFER, 1988, p. 135). Ela consegue proteger a esfera interna (filhos, família e casa), mas é vulnerável à esfera externa.

A reescrita de Mandy Sayer responde criticamente a essa visão masculina da mulher australiana apontada por Schaffer no texto de Lawson. A crítica feminista, que tem como objetivo questionar a prática acadêmica patriarcal, de acordo com Lúcia Zolin (2009, p. 217) que afirma que são inquestionáveis as relações entre sexo e poder nos textos literários canônicos, tornando assim a crítica feminista uma crítica profundamente política. Um dos mecanismos para se "despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidade" seria a tática da reescrita feminista de textos canônicos. Segundo Bonnici, a reescrita feminista "É uma estratégia amplamente usada (...) para retrucar as bases patriarcais no texto "original, (...), dar voz à mulher silenciada pelo patriarcalismo" (BONNICI, 2007, p.228).

O conto de Sayer é manifestamente uma reescrita feminista, não só do conto de Lawson como da pintura de 1945, de Russel Drysdale. Quando Drysdale cria sua versão imagística e modernista de "The Drover's Wife", ele está recorrendo a uma longa tradição de relacionar as letras às artes plásticas. Clarice Cortez, (2009 p. 357) analisa a obra *O Nascimento de Vênus* de Boticceli (1554-1510), baseada na sensação de movimento (e de vida) que a pintura inspira. A pintura de Drysdale, em contrapartida, utiliza cores, formas e traços para representar a falta de movimento e a pouca presença de vida. Na pintura de Drysdale não há muito movimento, é tudo muito estático.

Detalhes do conto de Sayer também se referem a um outro conto intitulado "The Drover's Wife", de autoria de Murray Bail, de 1986. Bail é quem cria um nome para a mulher do tropeiro – Hazel – e cria para ela um marido urbano, Gordon (BAIL, 1997). O diferencial da versão de Sayer é que Hazel é a narradora de sua própria história. Nessa versão, a personagem esclarece com muita indignação a origem da pintura: foi retratada por seu marido e assinada por seu amigo de juventude (o próprio Drysdale), como forma de vingança pelo fim de seu casamento. Uma nova perspectiva da sexualidade da mulher é sugerida quando a personagem de Sayer não se reprime ao revelar seus desejos.

Notamos também que a protagonista tomou coragem para abandonar a função social de mulher do lar. Quando ela vira assistente do encantador de serpentes deixa de ser uma mulher tradicional e abraça, afirmativamente, sua sexualidade. Em Sayer, a cobra é uma recusa a seguir o destino de mulher, um destino há muito estabelecido e que Zolin, retomando as palavras de Simone de Beauvoir, descreve como sendo um paradoxo entre "vocação (de ser humano) e o seu 'destino de mulher' (iminência). [...] que [...] concorre para perda de sua subjetividade. " (ZOLIN, 2009, p.224).

Outra ideia de Lawson contestada na releitura de Sayer é de que a mulher para ser forte tem de ser masculinizada. Podemos ver isso na pintura de Drysdale, que mostra uma mulher com roupas largas e de cores em tom marrom, apagadas, sem muitos traços de "feminilidade", com um rosto aparentando cansaço. Já Hazel

questiona isso, dizendo que não concorda com a falta de cuidado com o corpo e com a aparência que lhe foi imputada pela pintura.

Conclusão

A reescrita feminista de Sayer contesta a tradição rural australiana na literatura. As narrativas dessa tradição, como Schaffer demonstra, tendem a favorecer as figuras masculinas e diminuir e enfraquecer o papel da mulher, mesmo quando se pretende lhe dar protagonismo e heroicidade. Na versão de Sayer a mulher do tropeiro tem um nome, uma identidade, vontades e desejos, sexualidade, senso crítico, capacidade de agir por vontade própria e narrar o conto como dona de sua história e de seu destino. Ela desfaz as visões distorcidas que vozes masculinas teriam criado de sua personalidade e de seu destino. Ao reescrever um conto canônico do ponto de vista feminino, Sayer demonstra estar em sintonia com as importantes reflexões sobre gênero que o século XXI tem inspirado.

Agradecimentos

Meus agradecimentos à Fundação Araucária pela bolsa concedida, à minha orientadora Déborah Scheidt pelos materiais disponibilizados e seu tempo na orientação e à UEPG pela oportunidade de participar do PIBIC.

Referências

BAIL, Murray. The Drover's Wife. In: BIRD, C.; **Relations:** Australian Short Stories. Brisbane: Jacaranda Wiley LTD, 1997. p.49-53.

BONNICCI, T. **Teoria e Crítica Literária Feminista.** Maringá: EDUEM, 2007.

CORTEZ, C. Z. Literatura e Pintura**.** In: Thomas Bonnici; Lúcia Osana Zolin. (Org). **Teoria Literária:** Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 355-368

DRYSDALE, R. **The Drover's Wife.** 1945. Óleo sobre tela, 51.5 cm × 61.5 cm. Disponível em: https://artsearch.nga.gov.au/detail.cfm?irn=76616. Acesso em 25 de agosto de 2019.

NATIONAL GALLERY OF AUSTRALIA. Russel Drysdale. Disponível em: https://artsearch.nga.gov.au/detail.cfm?irn=76616. Acesso em 25 de agosto de 2019.

LAWSON, Henry. The Drover's Wife. In: BIRD, C. **Relations:** Australian Short Stories. Brisbane: Jacaranda Wiley LTD, 1997. p. 195-202.

PALMER, V. **The Legend of the Nineties.** Melbourne: Melbourne University Press, 1954.

SAYER, M. The Drover's Wife. In.: _____. **Fifteen Kinds of Desire**. Sydney: Random House, 2001. p. 131-140.

SCHAFFER, K. **Women and the Bush: Forces of Desire in the Australian Cultural Tradition.** Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

SCHEIDT, D. **A Ficção Rural-sertanista na Formação das Literaturas Brasileira e Australiana:** Um Estudo de José de Alencar e Henry Lawson. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

WARD, R. The Australian Legend. In.: WHITLOCK, G.; CARTER, D. **Images of Australia**. St. Lucia: University of Queensland Press, 1958. p. 179-188

ZOLIN, L. O. Crítica Feminista In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. (Org). **Teoria Literária:** Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009, v., p. 218-242.